


# Do transexualismo à incongruência de gênero: a despatologização na evolução das classificações diagnósticas para identidades trans

*From transsexualism to gender incongruity: depathologization in the evolution of diagnostic classifications for trans identity*

*Del transexualismo a la incongruencia de género: la despatologización en la evolución de las clasificaciones diagnósticas de las identidades trans*

Luis Lopes Sombra Neto<sup>1</sup> 

José Henrique Sousa Luz<sup>2</sup> 

 10.59487/2965-1956-3-11992

1. Universidade Federal do Ceará
2. Hospital Professor Frota Pinto

**Autora correspondente:** [luislopespsiq@gmail.com](mailto:luislopespsiq@gmail.com)

**Título Resumido:** Do transexualismo à incongruência de gênero

**Submetido em:**  
16/11/2023

**Aprovado em:**  
25/04/2023

**Publicado em:**  
05/06/2024



**Conflitos de interesse:** Não há qualquer conflito de interesses declarado pelos autores.

## RESUMO

**Objetivo:** Contribuir para o conhecimento sobre a evolução histórica das classificações diagnósticas relacionadas às identidades trans. **Métodos:** Trata-se de artigo de atualização realizado através de revisão bibliográfica das edições da Classificação Internacional de Doenças (CID) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), além de outras publicações científicas sobre a história e a evolução das classificações diagnósticas referentes às identidades trans. **Resultados:** As identidades trans já foram nomeadas de diversas formas nos manuais que determinam os critérios diagnósticos que compõem a nosologia médica. No DSM, houve certa gradação: o que era definido por “Transexualismo” se tornou, inicialmente, “Transtorno de identidade de gênero” e, mais recentemente, “Disforia de gênero”. Já na CID, a mudança foi mais direta: do “Transexualismo”, categoria de um subgrupo de transtornos psiquiátricos conhecido como “Transtornos da identidade sexual”, para “Incongruência de gênero”, categoria de um grupo não-pertencente aos transtornos psiquiátricos, nomeado como “Condições relacionadas à saúde sexual”. **Conclusão:** A despatologização das identidades trans faz parte do processo de evolução do conhecimento humano que, dessa forma, contribui para a superação de antigos preconceitos e discriminações relacionadas a esse grupo.

**Palavras-chave:** Identidade trans. Classificações diagnósticas. Transtorno de identidade de gênero. Incongruência de gênero.

## ABSTRACT

**Objective:** To contribute to the knowledge about the historical evolution of diagnostic classifications related to trans identities. **Methods:** This is an update article carried out through a bibliographic review of the editions of the International Classification of Diseases (ICD) and the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), in addition to other scientific publications about the history and the evolution of diagnostic classifications regarding trans identities. **Results:** Trans identities have already been named in different ways in the manuals that determine the diagnostic criteria that make up medical nosology. In the DSM, there was a certain gradation: what was defined as “Transsexualism” initially became “Gender identity disorder” and, more recently, “Gender dysphoria”. In the ICD, the change was more direct: from “Transsexualism”, a category of a subgroup of psychiatric disorders known as “Sexual identity disorders”, to “Gender incongruence”, a category of a group not belonging to psychiatric disorders, named as “Conditions related to sexual health”. **Conclusion:** The depathologization of trans identities is part of the process of evolution of human knowledge that, in this way, contributes to overcoming old prejudices and discrimination related to this group.

**Keywords:** Trans identity. Diagnostic classifications. Gender identity disorder. Gender incongruence.

## INTRODUÇÃO

A classificação psiquiátrica passa constantemente por evoluções e mudanças de paradigmas. Desde as civilizações antigas, o homem já observava e categorizava os comportamentos humanos, como pode ser observado nos primeiros registros escritos. Ao longos dos séculos, houve uma sucessão de classificações, culminando com a de Emil Kraepelin (1856-1926), considerada um dos principais modelos para as classificações modernas (FROTA et al., 2022; SOMBRA NETO et al., 2021).

Organização Mundial de Saúde (OMS) inseriu pela primeira vez os transtornos mentais na sexta revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-6) em 1948. Por sua vez, em 1952, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) publicou a primeira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-I). A partir de então, essas classificações foram periodicamente revisadas, estando disponíveis atualmente o DSM-5-TR e a CID-11, ambas ainda não publicadas em versão oficial em português (OMS, 1948; APA, 1952; APA, 2022; OMS, 2018).

Nesse cenário, é perceptível a dominância do discurso médico-psiquiátrico, que, especialmente a partir do século XIX, debruçou-se sobre as categorizações de comportamentos sexuais ditos normais, disfuncionais e desviantes. No que tange às formas de existência que não

correspondem à lógica binária e heterocisnormativa, as identidades transgêneras são atravessadas por discursos regulatórios que tentam controlar como tais pessoas devem se relacionar consigo e com os outros. O médico Harry Benjamin foi um dos pioneiros a descrever o “fenômeno transexual” no meio médico-científico, contribuindo para consolidar a denominação de pessoa transexual como aquela que, desde a infância, demanda viver e ser aceita como uma pessoa de um gênero diferente daquele designado ao nascimento (CANO-PRAIS; COSTA-VAL A; SOUSA, 2021).

Assim, a identidade de gênero é um dos tópicos de maior discussão para as classificações diagnósticas, evoluindo de acordo com o conhecimento humano acerca da sexualidade. Na literatura científica, ainda se observa uma frequente patologização de conceitos, terminologias, representações visuais e práticas, bem como preconceitos etnocêntricos. Além disso, em todo o mundo, pessoas trans estão expostas a violações de direitos humanos, incluindo discriminação laboral, criminalização, patologização e exposição a diversas formas de violência transfóbica, até mesmo homicídios (SCHWEND, 2020).

Diante dessa realidade, a luta da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras pluralidades sexuais (LGBTQIA+) foi responsável por muitas mudanças de diversos paradigmas sociais, contribuindo, inclusive, para a despatologização da transgeneridade e para a busca

de equidade nos direitos civis e em saúde. Nesse contexto, encontra-se o fervoroso debate de que algumas denominações ou classificações poderiam gerar estigmatização para os indivíduos que se identificam como transgêneros, ao mesmo tempo em que é relevante considerar que a inserção das identidades trans nas classificações diagnósticas tem a importância de garantir direitos, por exemplo, o acesso a serviços específicos no sistema de saúde, como hormonioterapia e cirurgias (CANO-PRAIS; COSTA-VAL A; SOUSA, 2021; SCHWEND, 2020).

## MÉTODOS

O presente artigo tem como principal objetivo contribuir para a disseminação do conhecimento sobre a evolução histórica das classificações diagnósticas relacionadas às identidades trans.

Trata-se de um artigo de atualização realizado através de revisão bibliográfica. A busca foi realizada entre maio/2022 e junho/2022, em todas as edições da CID e do DSM publicados até a referida data. Na tabela abaixo encontra as principais publicações do CID e DSM com as respectivas datas.

**Quadro 1:** Principais publicações da CID e do DSM e seus respectivos anos.

Sistemas Diagnósticos	Ano de publicação
Classificação internacional das doenças	
CID-6	1948
CID-7	1955
CID-8	1965
CID-9	1975
CID-10	1992
CID-11	2018
Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais	
DSM-I	1952
DSM-II	1962
DSM-III	1980
DSM-III-R	1987
DSM-IV	1994
DSM-IV-TR	2000
DSM-V	2013
DSM-V-TR	2022

Fonte: OMS, 1948; OMS, 1955; OMS, 1965; OMS, 1975; OMS, 1992; OMS, 2018; APA, 1952; APA, 1962; APA, 1980; APA, 1987; APA, 1994; APA, 2000; APA, 2013; APA, 2022

Também foram realizadas pesquisa em livros-texto de referência de psiquiatria, de publicações sobre a história e a evolução dos diagnósticos relativos às identidades trans e de publicações produzidas pelas equipes responsáveis pela revisão das classificações diagnósticas.

Mesmo com a limitação inerente de um estudo de revisão de literatura em que não foi empregada uma metodologia de seleção sistemática, acarretando o enfraquecimento do poder de reprodutibilidade, o presente artigo possui a particularidade de apresentar e examinar documentos históricos e atuais sobre a temática da classificação das identidades trans nos sistemas diagnósticos, contribuindo na produção de conhecimento para o processo de despatologização dessa população que é historicamente estigmatizada e ainda marginalizada pela sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *CLASSIFICAÇÕES (CID E DSM)*

Na CID-6 e na CID-7, a transgeneridade não foi especificada dentro das categorias diagnósticas até então descritas. Evidenciava-se sob uma perspectiva patológica o subgrupo “Desvio sexual”, sendo englobado o “Homossexualismo”. Na CID-8, o “Travestismo” foi incorporado e, a partir da CID-9, as transexualidades ganharam uma nomeação própria (“Transexualismo”). A CID-10 passou a utilizar o subgrupo “Transtornos de identidade sexual”, dentro

do grupo “Transtornos mentais e do comportamento” (OMS, 1948; OMS, 1955; OMS, 1965; OMS, 1975; OMS, 1992).

No DSM, não houve especificações para essa população nos DSM-I e DSM-II. O subgrupo de “Transtornos de identidade de gênero”, substituindo o de “Desvio sexual”, utilizado nas CID anteriores a esse período, foi introduzido pela primeira vez no DSM-III, sendo incluído no grupo de “Transtornos psicosexuais”. No DSM-III-R, os “Transtornos de identidade de gênero” foram encaminhados para o grupo “Transtornos geralmente diagnosticados pela primeira vez na infância ou na adolescência”. Em todos esses subgrupos existia a categoria diagnóstica denominada “Transexualismo” (APA, 1952; APA, 1968; APA, 1980; APA, 1987).

Apesar de ainda utilizado em discursos e práticas médico-científicos mais desatualizados, o termo “Transexualismo” deixou de ser adotado pela APA a partir do DSM-IV. Um único termo diagnóstico: “Transtorno da identidade de gênero” foi introduzido para se aplicar a crianças, adolescentes e adultos. Esta categoria diagnóstica também foi colocada na seção “Transtornos sexuais e da identidade de gênero”. Essa forma classificatória permaneceu no DSM-IV-TR. A eliminação do termo “Transexualismo” diminuiu estigmas ao romper com o conceito de doença, porém o termo “Transtorno da identidade de gênero”, apesar de ampliar a conotação de uma identidade, ainda atribui conceitualmente a ideia

de um espectro de transtornos ao referir-se como (APA, 1994; APA, 2000).

**Quadro 2:** Evolução da ordenação e da nomenclatura diagnóstica para as identidades trans – CID e DSM: 1979 a 2000.

CID-9 (1975)	DSM-III (1980)	DSM-III-R (1987)	CID-10 (1992)	DSM-IV (1994) DSM-IV-TR (2000)
<b>Grupo:</b> Transtornos neuróticos, transtornos da personalidade e outros transtornos mentais não psicóticos	<b>Grupo:</b> Transtornos psicosexuais	<b>Grupo:</b> Transtornos geralmente diagnosticados pela primeira vez na infância ou na adolescência	<b>Grupo:</b> Transtornos mentais e do comportamento	<b>Grupo:</b> Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero
<b>Subgrupo:</b> Desvios e transtornos sexuais	<b>Subgrupo:</b> Transtornos de identidade de gênero	<b>Subgrupo:</b> Transtornos de identidade de gênero	<b>Subgrupo:</b> Transtornos de identidade sexual	<b>Subgrupo:</b> Transtornos de identidade de gênero
<b>Categorias diagnósticas:</b>	<b>Categorias diagnósticas:</b>	<b>Categorias diagnósticas:</b>	<b>Categorias diagnósticas:</b>	<b>Categorias diagnósticas:</b>
<i>Transsexualismo</i>	<i>Transsexualismo</i>	<i>Transsexualismo</i>	<i>Transsexualismo</i>	<i>Transtorno de identidade de gênero</i>

Fontes: OMS, 1975; APA, 1980; APA, 1987; OMS, 1992; APA, 1994, APA, 2000.

### CLASSIFICAÇÕES ATUAIS

O DSM-V trouxe mudanças significativas ao incluir pela primeira vez o grupo “Disforia de gênero”, alterando a denominação anterior de “transtorno”, que estava associada à patologização da transgeneridade. Apesar disso, o uso do termo “disforia” pode culminar em generalizações de problemas mentais associados a

todos indivíduos trans e, ademais, a permanência desse diagnóstico em um manual de classificação de transtornos mentais pode ajudar a perpetuar a conotação de patologia para as identidades trans. A sua mais recente atualização DSM-V-TR não trouxe alterações nesse capítulo (APA, 2000; APA, 2013; APA, 2022; ASHLEY; 2021).

A OMS removeu da sua classificação mais atual, a CID-11, o chamado “Transexu-

alismo”, devido à conotação patológica trazida por esse termo, passando a utilizar, então, a expressão “Incongruência de gênero”, que está inserida em um novo grupo intitulado “Condições relacionadas à saúde sexual”. Apesar dessa inovação na nomenclatura e no grupo em que foi incluído o novo termo referente às identidade

trans, permanecem ressalvas com relação ao nome “incongruência” por sugerir a ideia de que existe algo de inadequado, não condizendo com os modos individualizados e diversificados das formas de construção de gênero na transgeneridade (OMS, 2022; MESQUITA et al., 2021).

**Quadro 3:** Classificações diagnósticas das identidades trans no DSM-V, DSM-V-TR e na CID-11.

Nomenclatura no DSM-V (2013) e DSM-V-TR (2022)	Nomenclatura na CID-11 (2018)
<b>Grupo:</b> Disforia de gênero	<b>Grupo:</b> Condições relacionadas à saúde sexual
<b>Subgrupo:</b> -	<b>Subgrupo:</b> Incongruência de gênero
<b>Categorias Diagnósticas:</b> <i>Disforia de gênero em crianças</i>  <i>Disforia de gênero em adolescentes e adultos</i>  <i>Outra disforia de gênero especificada</i>  <i>Disforia de gênero não especificada</i>	<b>Categorias Diagnósticas:</b> <i>Incongruência de gênero na infância</i>  <i>Incongruência de gênero na adolescência ou vida adulta</i>  <i>Incongruência de gênero, não especificada</i>

Fontes: APA, 2013; APA, 2022; OMS, 2018.

Em síntese, é notório como as identidades trans já foram classificadas de diversas formas nos manuais que determinam os critérios diagnósticos que compõem a nosologia médica. No DSM, houve certa gradação: o que era definido por “Transexualismo” se tornou, inicialmente, “Transtorno de identidade de gênero” e, mais recentemente, passou a ser reconhecido como “Disforia de gênero”. Já na CID, a modificação ocorreu de forma mais direta, do “Transexua-

lismo”, categoria de um subgrupo de transtornos psiquiátricos conhecido como “Transtornos da identidade sexual”, para “Incongruência de gênero”, categoria de um grupo não-pertencente aos transtornos psiquiátricos, nomeado nesta mais recente classificação como “Condições relacionadas à saúde sexual” (SCHWEND, 2020; BECKER; JOHNSON, 2012).

Nessa mais recente classificação da CID, a classe diagnóstica “incongruência de gênero” é

subdividida em três grupos: “Incongruência de gênero na infância”, “Incongruência de gênero na adolescência ou vida adulta” e “Incongruência de gênero, não especificada”. Na CID-11 a “Incongruência de gênero na adolescência e vida adulta” é caracterizada por uma incongruência acentuada e persistente entre o gênero vivido por um indivíduo e o sexo atribuído, o qual conduz muitas vezes a um desejo de transição para viver e ser aceita como pessoa do gênero vivido, por meio de tratamento hormonal, cirurgia ou outros serviços de saúde para alinhar o corpo do indivíduo, tanto quanto desejado e na medida do possível, com o gênero vivenciado. Além disso, especifica que o diagnóstico não pode ser atribuído antes do início da puberdade e o comportamento variante de gênero e apenas as preferências não são uma base para atribuir o diagnóstico. (OMS, 2018).

Observa- nessa descrição o destaque atribuído ao “desejo de transição” por meio de procedimentos hormonais ou cirúrgicos, demonstrando a necessidade da inclusão deste diagnóstico como meio legal para regular o acesso à procedimentos específicos. Apesar disso, o ineditismo do CID-11 em colocar a identidade trans em uma grupo não relacionado a transtornos mentais é fruto de um novo modelo de atenção à saúde trans baseado na despatologização e na perspectiva de direitos, proveniente da luta compartilhada entre ativistas trans, pesquisadores e profissionais de saúde (OMS, 2018;

CANO-PRAIS; COSTA-VAL A; SOUSA, 2021; SCHWEND, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças relacionadas ao conceito de gênero e suas vivências, ao longo das edições da CID e do DSM, têm por base os avanços e as atualizações do conhecimento contemporâneo sobre a complexidade e a pluralidade da sexualidade. A despatologização das identidades trans engloba-se nesse processo de evolução do conhecimento humano que, dessa forma, contribui para a superação de antigos preconceitos e discriminações relacionados a esse grupo.

Uma das principais questões nessa luta é de que maneira é possível incorporar as identidades trans nos manuais diagnósticos, uma vez que, ao mesmo tempo em que não podem ser consideradas entidades patológicas, é necessário garantir a continuidade do acesso dessa população aos cuidados em saúde, como por exemplo nos processos de afirmação de gênero.

Sendo assim, muito além de mudanças classificatórias, é necessário que essas inovações sejam amplamente difundidas nos processos de formação profissional e englobadas nos serviços de saúde para que as pessoas trans sejam sempre respeitadas e suas particularidades biopsicossociais reconhecidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. American Psychiatric Association (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-I*. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1952.
2. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-II*. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1968.
3. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-III*. Third edition. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1980.
4. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-III-R*. Third edition - revised.. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1987.
5. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-IV*. Fourth edition. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1994.
6. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-IV-TR*. Forth edition- text revision. Washington, DC: American Psychiatric Association; 2000.
7. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-V*. Fifth Edition. Washington, DC: American Psychiatric Association; 2013.
8. \_\_\_\_\_. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: (DSM-5-TR)*. Fifth Edition- text revision. Washington, DC: American Psychiatric Association; 2022.
9. ASHLEY, Florence. The Misuse of Gender Dysphoria: Toward Greater Conceptual Clarity in Transgender Health. *Perspectives on Psychological Science*, 16 (6): 1159–1164. Washington: Association for Psychological Science, Jun. 2021
10. BECKER, Judith; JOHNSON, Bradley. Transtornos de identidade de gênero e parafilias In: HALES, Robert; YUDOFISKY, Stuart; GABBARD, Glen (organizadores). *Tratado de psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2012.
11. CANO-PRAIS, Hugo Alexandre; COSTA-VAL, Alexandre; SOUSA, Érica Renata. Incongruências classificatórias: uma análise dos discursos sobre as propostas da CID11 em relação às experiências trans. *Cadernos Pagu*, (62): 1-19. São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/ Universidade Estadual de Campinas, Mai-Ago. 2021.
12. FROTA, Ilgner Justa; MOURA, Victor Elmo Gomes Santos; FÉ, Augusto Andrade Campos de Moura, CAMPOS, Eugênio de Moura. Atualizações sobre os transtornos obsessivo-compulsivo e relacionados: histórico, aspectos clínicos e classificações contemporâneas. *Revista de Medicina da UFC*, 62 (1): 1-8. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Jan-Dez. 2021.
13. MESQUITA, Lícia Marah Figueredo, AMARAL, Ântonia Ionésia Araújo do; REBOUÇAS, Érick Fraga; SOARES, Douglas de Sousa. Transgêneros. In: LUZ, José Henrique Sousa; RIBEIRO, Mellanie Dellylah Trinta; SOARES; Douglas de Sousa (organizadores). *Sexualidade Humana: fundamentos clínicos e terapêuticos*. Curitiba: CRV; 2021.
14. SOMBRA NETO, Luis Lopes, MARQUES, Igor Carvalho, LIMA, Thayanne Barreto; ; FÉ, Augusto Andrade Campos de Moura, CAMPOS, Eugênio de Moura. Transtorno de sintomas somáticos: histórico, aspectos clínicos e classificações contemporâneas. *Diálogos Interdisciplinares em Psiquiatria e Saúde Mental*, 1(1):53-9. Fortaleza: Sociedade Cearense de Psiquiatria e Universidade Estadual do Ceará, Jan-Dez. 2021.
15. SCHWEND, Amets Suess. Trans health care from a depathologization and human rights perspective. *Public Health Reviews*, 41(3):1-17. Londres: BioMed Research International, Jul-Set. 2020.



16. World Health Organization (WHO). *CID-6-Manual de la clasificación estadística internacional de enfermedades, traumatismos y causas de defunción*. Sexta revisión de las listas internacionales de enfermedades y causas de defunción, adoptada en 1948 [Internet]. Organización Mundial de la Salud; 1950 [acesso em 2022 nov 10]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/70941>.
17. \_\_\_\_\_. *CID-7-Manual of the international statistical classification of diseases, injuries, and causes of death*. Based on the recommendations of the seventh revision Conference, 1955, and adopted by the ninth World Health Assembly under the WHO Nomenclature Regulations. World Health Organization; 1957 [acesso em 2022 nov 10]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/4290023>.
18. \_\_\_\_\_. *CID-8-Manual of the international statistical classification of disease, injuries, and causes of death*. Based on the recommendations of the eighth revision conference, 1965, and adopted by the Nineteenth World Health Assembly. World Health Organization; 1967 [acesso em 2022 nov 10]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/70935>.
19. \_\_\_\_\_. *CID-9-Classificação internacional das doenças*. Baseada nas recomendações da nona conferência de revisão, 1975, e adotada pela vigésima Assembléia Mundial da Saúde [Internet]. São Paulo: Centro da OMS para classificação de doenças em Português, Ministério da Saúde/ Universidade de São Paulo; 1980 [acesso em 2022 nov 10]. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70943/ICD\\_10\\_1980\\_v1\\_pt\\_1.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70943/ICD_10_1980_v1_pt_1.pdf)
20. \_\_\_\_\_. *CID-10-Mortality and Morbidity Statistics*. WHO; 1992 [acesso em 2022 nov 10]. Disponível em: <https://C:/Users/User/Downloads/9789241549165-V1-eng.pdf>.
21. \_\_\_\_\_. *CID-11-Mortality and Morbidity Statistics*. WHO; 2018 [acesso em 2022 maio 10]. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>.

### Como citar:

Sombra Neto LL, Luz JHS. Do transexualismo à incongruência de gênero: a despatologização na evolução das classificações diagnósticas para identidades trans. *Dialog Interdis Psiq S Ment* [Internet]. [citado 2º de junho de 2024];3(1). Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/dipsm/article/view/11992>